

SABER EM LUTO

**Morre Zygmunt Bau-
man, autor de “Mo-
dernidade Líquida”.**

Magazine. Capa e página 4

Luto

Sociólogo Zygmunt Bauman morreu ontem, aos 91, no Reino Unido, deixando como legado extensa e popular obra

Vai o homem, fica o 'líquido'

■ THIAGO PEREIRA
ESPECIAL PARA O TEMPO

■ O mundo mal começa viver 2017 e já perde um de seus maiores e mais populares tradutores: Zygmunt Bauman. O sociólogo polonês morreu ontem, aos 91, em casa, cercado por sua família e amigos, segundo o site site polonês “Gazeta Wyborcza”. A causa da morte não foi divulgada. Bauman deixa um imenso legado para o pensamento contemporâneo, boa parte dele sistematizada em um termo – “líquido” – que se tornou uma espécie de conceito e assinatura constante em sua obra.

Nascido em Poznan, no oeste polonês, em 19 de novembro de 1925, ele serviu na Segunda Guerra Mundial pelo exército da União Soviética; nos anos 40 e 50, foi militante do Partido Comunista polonês. Desiludido com as experiências socialistas, buscou refúgio no meio acadêmico, graduando-se em sociologia. Em 1971, tornou-se professor titular da Universidade de Leeds, no Reino Unido, onde passou a morar. Como professor, escritor e teórico, decupou acontecimentos históricos, como o holocausto, os regimes totalitários e a queda do Muro de Berlim.

Bauman foi testemunha ocular de algumas das revoluções mais significativas do século XX (e do século XXI, já que versou brilhantemente também sobre a transformação que as mídias digitais trouxeram para a sociedade moderna, em obras como “Globalização”, de 1999). Sua biografia pessoal de alguma forma reflete, no coletivo, a sociedade e as mudanças do mundo contemporâneo – trata-se da modernidade líquida, como aponta uma de suas teorias centrais, que abriu um vasto campo de estudos para a filosofia, a cultura e o relacionamento humano – com ênfase no individualismo e na efemeridade das relações.

“Parodiando a frase do teórico alemão Karl Marx: ‘Tudo que é sólido desmancha no ar’, e assim Bauman metamorfoseava, em muitas de suas obras o termo ‘líquido’ em vez do ar, tais como em ‘Vigilância Líquida’, ‘44 Cartas do Mundo Líquido Moderno’, ‘Modernidade Líquida’, ‘Vida Líquida’”, explica a professora de publicidade e propaganda da PUC Minas Glória Gomide. “Se o sólido não tem poder de permanecer como tal, a liquidez pode se entranhar nas relações culturais, conta-

miná-las e transformá-las”, completa.

Para um tema tão caro e denso, teceu extensa bibliografia, grande parte dela traduzida para o português. “Bauman desenvolveu reflexões de alto nível e de longa duração na medida em que elegia um tema e o explorava exaustivamente, a exemplo da própria ordem social em que vivemos”, pontua Sandra Tosta, professora da pós-graduação em educação da PUC Minas. “Sem dúvida é, ao lado de Pierre Bourdieu, E. Wallerstein e N. Garcia Canclini, um dos pensadores mais importantes da contemporaneidade”, acredita.

POPULAR. Uma questão interessante, que o diferencia de outros gigantes das ciências sociais, é sua popularidade fora do ambiente acadêmico. A comoção por sua morte pôde ser sentida, ontem, nas redes sociais, o que dá pistas de uma possível amplitude de suas obras. “Acho que ele transcende os muros da universidade, muito em função de sua forma de es-

crever e das questões em que toca”, acredita a professora Tânia Dauster, do programa de pós-graduação da PUC Rio. “Questões que são vivenciadas e experimentadas por pessoas de diferentes sociedades. Tem uma obra que pode ser lida e compreendida pelo público em geral, mais amplo que o acadêmico”.

Isso se deve à perseverança e à argumentação potente com que desenvolvia seus debates e pontos de vista, e os publicava com muita regularidade.
“Além dis-

so, foi um pensador que se acercava de temáticas que preocupam a todos os leitores em geral, e não apenas àqueles de áreas específicas. Neste sentido era um pensa-

dor pluridisciplinar de questões de nossa época, como as identidades, o amor, medo, a felicidade, enfim, “temáticas que alcançam as pessoas independentemente de religião, etnia, gênero, ge-

ração”, concorda Tosta.

Bauman deixa sua segunda esposa, Aleksandra Jasinska-Kania, filha do ex-presidente da Polônia comunista Boleslaw Bierut, três filhas e mais de 50 livros publicados.

CONTINUA NA PÁGINA 4



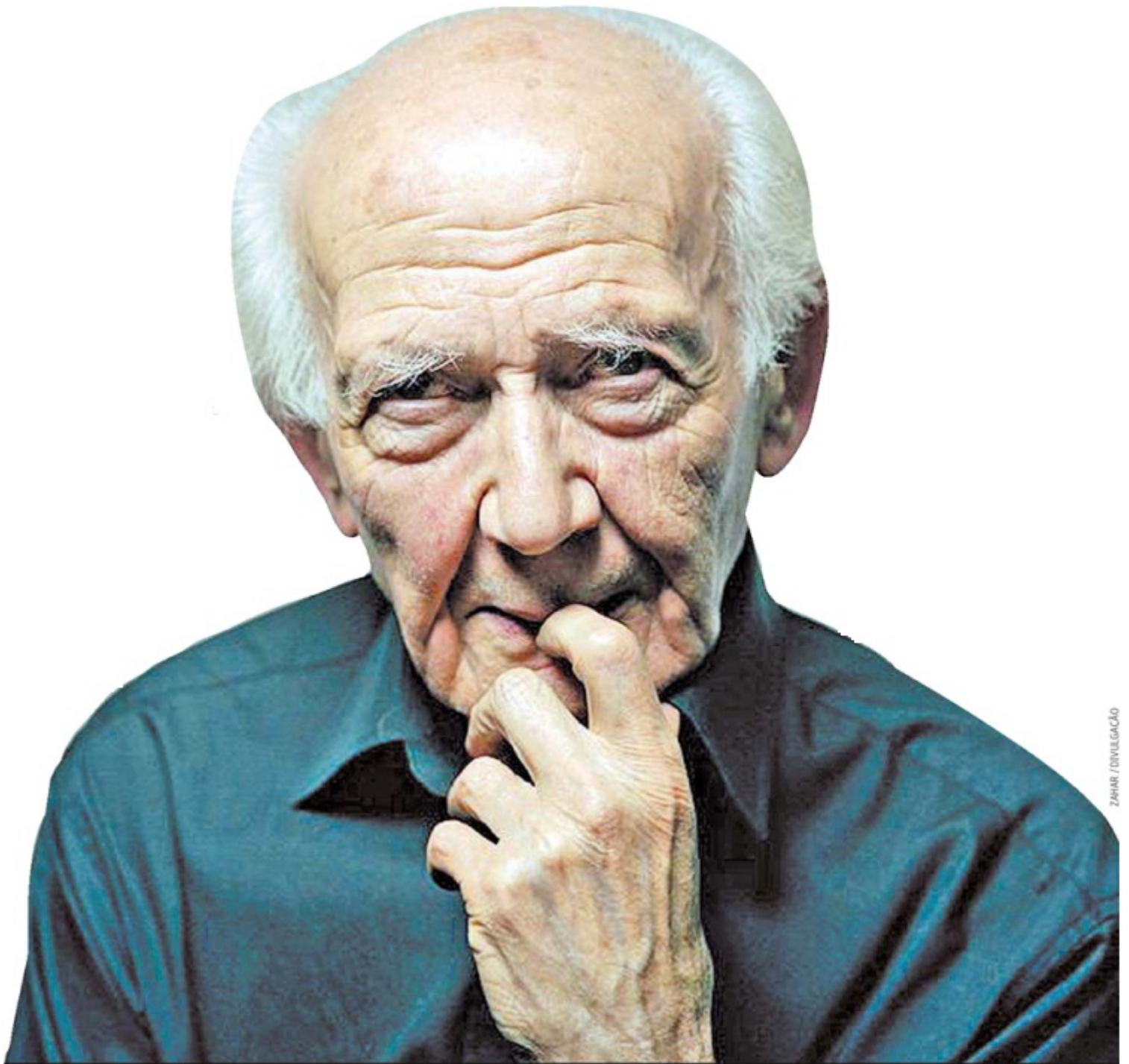
O diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia...

BAUMAN SOBRE REDES SOCIAIS



O que está acontecendo agora, o que podemos chamar de “crise da democracia”, é o colapso da confiança. A crença de que os líderes não só são corruptos ou estúpidos, mas também incapazes.

BAUMAN SOBRE POLÍTICA



Zygmunt Bauman

Obra mais recente do sociólogo que morreu ontem, “Estranhos à Nossa Porta”, será lançada no Brasil nesta quinta

Pensador do tempo presente

CONTINUAÇÃO DA CAPA

■ VARSÓVIA, POLÔNIA. No Brasil, a obra do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman, morto ontem aos 91 anos, é publicada pela editora Zahar, que já planejava para esta semana um lançamento: “Estranhos à Nossa Porta”, uma reflexão sobre a crise migratória na Europa.

Segundo a editora, Bauman analisa neste livro as origens, os contornos e o impacto desse “pânico moral” que os refugiados despertam em algumas pessoas. Em uma entrevista ao jornal “O Estado de S. Paulo”, em agosto de 2016, Bauman comentou a obra. “O problema não é o número crescente, em vários países, de pretendentes a regimes autoritários, mas do ainda mais rápido crescimento de seus devotos apoiadores”, disse Bauman na ocasião.

“Não é uma questão sobre os que querem o poder (eles sempre serão muitos, já que a demanda popular por eles é abundante), mas sobre a ampliação da demanda pelos serviços que eles falsamente prometem, que constitui indiscutivelmente o mais perigoso dos desafios futuros”.

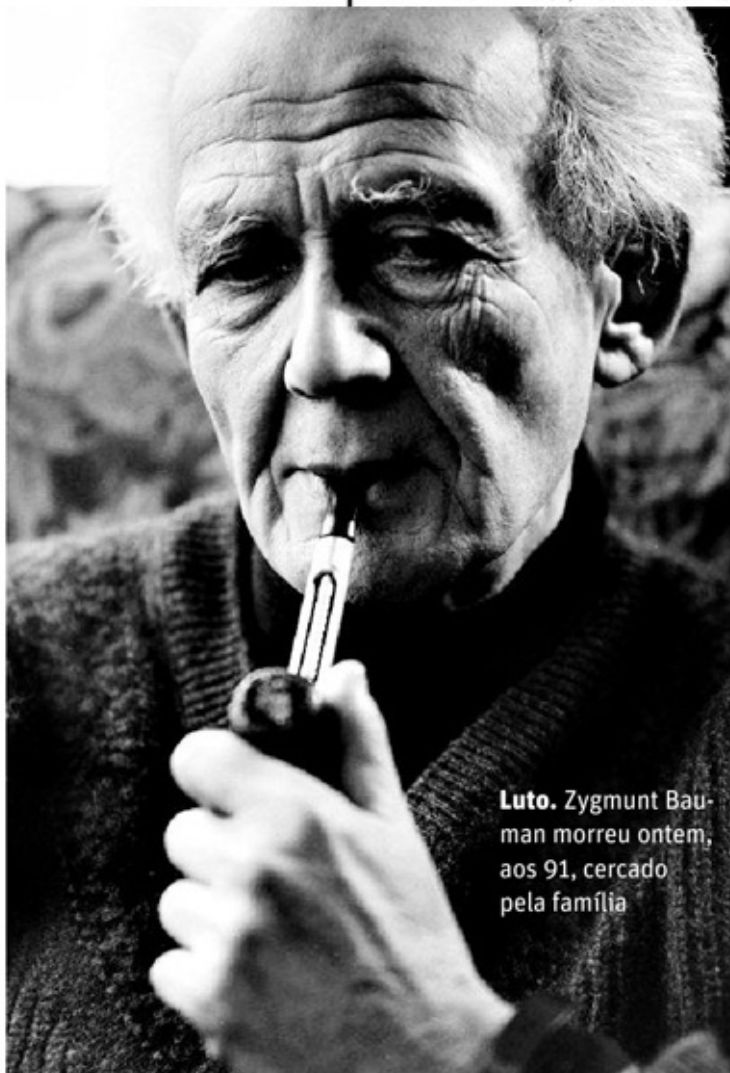
Entre seus trabalhos mais célebres, está também “Modernidade e Holocausto”, de 1989, livro em que ele discorda da maioria dos pensadores que consideram o Holocausto uma ruptura na modernidade (*veja a lista de outras obras relevantes do autor ao lado*).

Para Bauman, o extermínio em massa dos judeus era exatamente um resultado de pilares da modernidade, como industrialização e a burocracia racionalizada. “Foi o mundo racional da civilização moderna que tornou o Holocausto palpável”, escreveu o filósofo.

PETER HAMILTON/THE BARDWELL PRESS

“Se Marx e Engels escrevessem o Manifesto Comunista hoje, teriam de substituir a célebre frase inicial – ‘Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo’ – pela seguinte: ‘Um espectro ronda o planeta – o espectro da indignação’.”

Zygmunt Bauman



Luto. Zygmunt Bauman morreu ontem, aos 91, cercado pela família

Algumas obras

- ↳ “Modernidade e Holocausto” (1989)
- ↳ “Modernidade e Ambivalência” (1991)
- ↳ “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” (1997)
- ↳ “Globalização: As Consequências Humanas” (1998)
- ↳ “Modernidade Líquida” (2000)
- ↳ “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos” (2003)
- ↳ “Vidas Desperdiçadas” (2004)
- ↳ “Vida para Consumo” (2008)
- ↳ “A Riqueza de Poucos Beneficia Todos Nós?” (2015)